

Vozes Periféricas

Andressa Bonfim

Beatriz Lira, C

ro, Gabriel Fe

Gabriel Ferreira

mando, Matheus

Santos, Jovana

ne Aparecida e I

im, Arthur Frias,
Caroline Ribeir-
eitosa (Simba),
ra, Matheus Ar-
as Filho, Ramon
Basílio, Karoli-
Luam Marques

Escrita

Andressa Bonfim, Gabriel Feitosa (Simba), Iversson Natan, Karoline Aparecida, Lisbeth Ananse, Shirley Valentina e Deusvaldo Pereira

Ilustração

Gabriel Ferreira, Matheus Armando, Matheus Filho, Ramon Santos e Maria Queiroz.

Capa

Gabriel Ferreira

Diagramação e projeto gráfico

Magno Borges

Organização

Coletivo Vozes Periféricas (Andressa Bonfim, Arthur Frias, Beatriz Lira, Caroline Ribeiro, Gabriel Feitosa, Gabriel Ferreira, Jovana Basílio, Karoline Aparecida, Luam Anastácio, Matheus Armando, Matheus Filho e Ramon Santos) e Magno Rodrigues Faria

Revisão

Editora Popular TXAI (Helena Silvestre, Lucas Arruda e Thais Fernandes) e Daisy Oliveira

Realização



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vozes periféricas / organização Magno Rodrigues Faria. -- 1. ed. -- São Paulo: Letra da Cidade, 2022.

Vários autores.

Vários colaboradores.

ISBN 978-65-998062-0-9

1. Arte e literatura 2. Jovens - Aspectos sociais
3. Periferia na literatura 4. Periferia - Condições sociais
5. Periferias urbanas 6. Pluralismo cultural
7. Poesia brasileira I. Faria, Magno Rodrigues.

22-114237

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Coletâneas B869.8

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

*É preciso sugar da arte
um novo tipo de artista: o artista-cidadão.
Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo,
mas também não compactua com a mediocridade
que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades.
Um artista a serviço da comunidade, das pessoas e do país.
Que armado da verdade, por si só exercita a revolução.*

Sérgio Vaz

Prefácio

Tinha dezesseis para dezessete anos quando o Arnaldo, professor de filosofia, propôs que fizéssemos um **sarau**. Nunca tinha ouvido essa palavra. O professor explicou como funcionava e ressaltou que os textos apresentados precisavam ser de autoria própria. Não me lembro se valia nota ou ponto na média, era final de ano e havia o clima de encerramento. Foi um momento único, unir vozes individuais e reconhecer o quanto tínhamos em comum, jovens de periferia que experimentavam falar de si. A pergunta que ainda ressoa é: “*pode o favelado falar*”¹?

É importante refletirmos sobre as transformações e o contexto das vozes periféricas insurgentes ao longo das gerações. Na década de (19)90, a banalização da violência nas periferias era exposta em jornais e noticiários de tevê como narrativa principal, um olhar do “outro” sobre nós, que buscava traduzir nossas vidas e experiências. Era como se olhar no espelho e ver no reflexo uma imagem estigmatizante, distorcida.

Nos últimos vinte anos, a perspectiva de ajuntar, produzir e coletivizar foi um horizonte comum, culminando no imenso crescimento e alcance de movimentos artísticos e culturais nas periferias. Passando pela influência do rap, as batalhas de freestyle, os saraus de poesia, os slams, os bailes funks, os sound systems, manifestações que ocupam ruas, bares, praças e as redes sociais. Estamos falando de uma estética própria, protagonizada pelas juventudes negras, periféricas e LGBTQIAs, que já não podem ser invisibilizadas, uma vez que os ecos dessas vozes foram capazes de ultrapassar fronteiras geográficas, sociais, políticas e geracionais.

No entanto, é impossível falar de vozes periféricas sem atribuir um sentido de resistência ao seu fazer. As juventudes de hoje ainda sentem na carne os problemas estruturais do Brasil – a desigualdade social, o racismo, o sexismo – que culminam

em marginalização, genocídio, encarceramento, desemprego, problemas de saúde mental, restrição no acesso a políticas públicas que venham de encontro a uma juventude que luta para se manter viva, diante dos desafios do agora.

Pensando nos milhares de jovens das quebradas da cidade que atravessaram a pandemia de Covid-19, enfrentando o isolamento e o cerceamento de sua liberdade, ficam algumas questões para refletirmos acerca desse contexto: quem tem olhado para as demandas da juventude? Quem os ouve, lê, fomenta? Onde encontram espaços para expressar suas subjetividades? Como manter a perspectiva de se tornarem agentes de transformação? Por quais ferramentas podem se conectar com outros jovens?

Arte, autonomia, coletividade e resistência em Vozes Periféricas

Em meio à turbulência da vida e ainda sem respostas para todas essas perguntas, encontrei o **Vozes Periféricas**, uma coletividade artística, uma comunidade de ação, feita por e para a juventude, em que estratégias para buscar saídas ganharam contorno e materialidade. Com criatividade, sensibilidade e autonomia, conectando as quebradas do Ceasa City com o Helipa, esses jovens uniram poesia, desenho, design e comunicação para atravessar fronteiras.

Com dois anos de existência, utilizando a plataforma do Instagram para difundir suas criações, o coletivo apresenta uma chamada que vai direto ao ponto: *“você desenha, a gente escreve – você escreve, a gente desenha. Projeto de conexão entre jovens de*

1 Alusão ao livro *Pode o subalterno falar?*, de Gayatri Chakravorty Spivak

quebrada: para trocar experiências, ocupar a mente e registrar historicamente”. Essa síntese traduz o trabalho realizado nas redes sociais, mas não nos conta sobre o quão inspiradores são os bastidores dessa construção.

Encontros semanais, a maioria em ambiente virtual, propiciaram a construção de um lugar de partilha e de respiro na criação de conexões entre as pessoas do coletivo, unindo habilidades e projeções comuns, tornando-se um ambiente de aprendizado, crescimento, mas fundamentalmente de acolhimento. Com o reconhecimento da dimensão de que fazer arte na periferia é fazer sonhar.

Como tudo que cresce e amadurece, é chegada a hora de vermos esse trabalho tornar-se livro. Não posso esconder o quanto fui tocada pelos textos e ilustrações, por trazerem à tona sentimentos, percepções – no olhar da juventude periférica –, angústias, revoltas, medos, amores, sonhos, dúvidas e uma porção de vida que habita as entrelinhas. É o encontro com o espelho em que pertencer é ser, e ser é só pra quem é.

Em *Se pá o mundo nem é tão grande assim*, somos convocados a refletir sobre o show da vida, enquanto uns roubam a cena, outros buscam a retomada do que foi tirado, usurpado, afinal para bom entendedor um pingo é letra. Já em *Enganados são aqueles que acham que máscaras...* podem esconder, dissimular, fingir; entre a razão e a emoção tem muito mais que um coração que bombeia sangue, é preciso sentir e às vezes amenizar com um gole de café.

Nos poemas *Assédio*, *Comparações* e *Corpos Reais*, as experiências do olhar da sociedade machista, que condiciona corpos femininas, são questionadas e apontam a necessidade de ruptura; em contraponto, *Caramba* traz a generosidade da filha ao olhar para mãe, reconhecendo a força e a grandeza de ser

mulher. *Na mira*, a favela toda tá armada de resistência e a munição é a informação.

Em *Já são três da manhã*, o enredo faz suar frio, o racismo não perdoa e amanhã é mais um dia na vida do trabalhador que volta pra casa. O revide sempre vem e chegou em *Eu sei que somos mais fortes que tudo isso*, abaixar a cabeça nunca foi opção; altivo e crítico, o povo preto só quer o que é seu de direito. Tudo isso sem falar nas variadas ilustrações que acompanham os textos, que por si só evocam e contam outras histórias de encher os olhos.

Inspirados nas vozes daquelas que vieram antes, seguindo a trilha de Carolina Maria de Jesus, a favela vai falar e escrever, sim além-tempo, “*e que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido*”. Guiados pelos ensinamentos de Conceição Evaristo em que “*nossa escrivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos*” ou ainda atendendo ao chamado de Férrez de ser “*um terrorista literário de fuzil bic na mão*”. Sem deixar de mirar o legado de Emory Douglas, sua iconografia que revolucionou imaginários na luta dos Panteras Negras e influenciou gerações até aqui.

Das telas dos computadores e celulares, o **Vozes Periféricas** assume lugar como obra literária, compondo o bojo de literatura marginal, periférica. Com a perspectiva de ocupar todos os espaços, adentrar escolas, bibliotecas, salas de aula e de leitura, universidades, livrarias, saraus e as ruas, juntando e empoderando cada vez mais jovens a acreditarem na potência de suas vozes, na arte que transforma e liberta, fazendo revoluções e microrrevoluções. Como disse uma das autoras, Karoline, “*os jovens no Brasil são subestimados, mas quando não são, olha o que dá pra fazer*”.

Registrar historicamente é antes de tudo uma missão, colocada para todos que estão comprometidos com a transformação dos territórios periféricos e de nossas próprias existências,